

Maria Estefânia Gonçalves da Silva

O TRABALHO HOJE

PERCEÇÃO DE EMIGRANTES E NÃO EMIGRANTES PORTUGUESES

Dissertação no âmbito do Mestrado Integrado em Psicologia, área de especialização em Psicologia das Organizações e do Trabalho, orientada pelo Professor Doutor Joaquim Pires Valentim e apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Fevereiro de 2019

O trabalho hoje: perceção de emigrantes e não emigrantes portugueses

O presente estudo teve como objetivo principal compreender o que é o trabalho para um grupo de adultos emigrantes e não emigrantes portugueses, recorrendo a entrevistas semi-estruturadas. Para a análise de dados recorreuse à análise de conteúdo das entrevistas. Os resultados obtidos mostram que o trabalho ocupa um lugar central na vida dos participantes, sendo por um lado o que lhes permite fazer face às necessidades do dia-a-dia e por outro sentirem-se bem consigo mesmos. Percecionando o trabalho de forma muito próxima, as grandes diferenças entre os grupos encontram-se no modo como estes se prececionam mutuamente. Apesar das profundas mudanças que se têm feito sentir no mundo do trabalho nos últimos anos devido à crise, conclui-se que a visão do trabalho como um bem imprescindível subsiste.

Palavras-chave: representações sociais, trabalho, emigração.

The work today: perception of Portuguese emigrants and nonemigrants

The main purpose of this study was to understand what work means for a group of Portuguese emigrants and non emigrants adults, using semi-structured interviews. For the data analysis it was used content analysis of the interviews. The results show that work occupies a central place in the life of the participants, being on the one hand what allows them to cope with the needs of everyday life and on the other hand to feel good about themselves. Perceiving the work very closely, the major differences between the groups lie in the way in which they perceive each other. Despite the profound changes that have been felt in the world of work in recent years due to the crisis, it is concluded that the vision of work as something indispensable subsists.

Key words: social representations, work, emigration.

Agradecimentos

Ao Professor Doutor Joaquim Pires Valentim, pela excelente orientação, compreensão, disponibilidade e por todas as palavras de incentivo e força que sempre me transmitiu.

À Vanessa, pelo apoio incondicional, pela energia e pelo exemplo de força que é para mim.

A toda a minha família, em especial aos meus pais, por acreditarem sempre em mim.

À Marina, pelo companheirismo, pelo apoio constante, pelos diálogos e discussão de ideias.

A todos quantos se cruzaram comigo nesta caminhada,

O meu mais profundo e sincero obrigada.

Índice

Introdução		1
I - Enquadram	ento teórico	2
a.	O conceito de trabalho	2
b.	Migração	4
	i. A emigração portuguesa	5
c.	A teoria das representações sociais	6
d.	Representações sociais do trabalho	8
II - Objetivos		10
III - Metodolo	gia	11
IV - Resultado	os	12
a.	Dimensão I: Perceções sobre o trabalho	12
b.	Dimensão II: Características de um trabalho	13
c.	Dimensão III: Perceções da crise em Portugal	15
d.	Dimensão IV: Perceções sobre a emigração	18
V - Discussão.		20
VI - Conclusão	0	23
Referências		24
Anexos		29
Anexo I: Guiã	o da entrevista	30
Anexo II: Cara	acterização da amostra	33
Anexo III: Dir	nensões, Categorias e Componentes	35
Anexo IV: Cat	tegorias, Componentes e Exemplos	37

Introdução

Valor central na vida das pessoas (Gonçalves & Coimbra, 2007), o trabalho é um fator importante de socialização, na medida em que permite a aquisição de uma identidade social e a inserção numa rede de relações e de partilha (Gorz, 1988). Ter uma atividade profissional confere sentido à vida humana, uma vez que o trabalho é um instrumento poderoso de autonomia, dignificação, realização pessoal e integração psicossocial, "mais do que uma fonte de rendimento, é frequentemente a medida do valor pessoal" (Gonçalves & Coimbra, 2007, p. 412). E, apesar das crises que têm avassalado os nossos tempos e que têm levado à redução das oportunidades de emprego e ao aumento da precariedade dos mesmos, bem como ao incremento das taxas de desemprego, a visão do trabalho como um bem precioso mantêm-se (Gonçalves & Coimbra, 2007).

Por conseguinte, sendo o trabalho um fator tão decisivo e importante na vida das pessoas, estas são obrigadas a encarar os tempos desafiadores que vivem e procurar alternativas que lhes permitam fazer face às dificuldades que experienciam. Uma dessas alternativas passa, muitas vezes, pela emigração. Segundo Silva (2015) alguns dos fatores que geram fluxos migratórios são as crises financeiras, as taxas de desemprego elevadas e a expetativa de melhores oportunidades e condições de vida.

Não existindo investigação científica que reúna representações sociais do trabalho e emigração, e dado o peso que ambos têm na sociedade, a presente investigação tem como principal objetivo compreender as perceções sobre o trabalho de adultos portugueses, mais precisamente, procurar-se-á conhecer as representações sociais do trabalho em função de ser, ou não, emigrante.

O estudo deste objeto de representação é profundamente pertinente dado o valor que o trabalho tem na sociedade e as mutações significativas que tem vindo a sofrer ao longo dos tempos. E, uma vez que as representações sociais do trabalho são atividades mentais, socialmente elaboradas e partilhadas, de construção da realidade, que permitem aos indivíduos atribuir um significado ao trabalho (Mamontoff, 2008; Negura &

Lavoie, 2016), este quadro teórico é, a nosso entender, totalmente adequado ao estudo deste objeto.

Respeitante à estrutura da dissertação, num primeiro momento iremos abordar questões concetuais relevantes para a temática em questão, isto é, analisaremos aspetos importantes do trabalho, da emigração, da teoria das representações sociais e das representações sociais do trabalho. Posteriormente, explicitaremos os objetivos e a metodologia utilizada. E por fim, apresentaremos os resultados obtidos, seguindo-se a discussão e as considerações finais do estudo.

I - Enquadramento teórico

a. O conceito de trabalho

O modo como nós compreendemos o trabalho, o realizamos e o situamos na nossa vida tem vindo a sofrer profundas alterações desde o mundo antigo, o que faz com que ao longo dos tempos, ora vamos acentuando um lado mais positivo, ora um traço mais negativo (Antunes, 2013). A palavra "trabalho" tem origem na palavra latina *tripalium* que designava um instrumento de tortura da época (Antunes, 2013), daí o trabalho ter vindo a ser associado a algo árduo, doloroso, e até mesmo indigno ao cidadão, tendo sido até à Idade Média uma ocupação exclusiva dos servos e de pessoas da classe baixa (Gonçalves & Coimbra, 2007; Gorz, 1988). Após a Idade Média, o trabalho passa a ser classificado como um "ato moral digno de honra e respeito" (Antunes, 2013, p. 266), deixando de excluir da esfera pública os que trabalhavam, como outrora acontecia (Gorz, 1988).

Contudo, o trabalho com fim económico passou a ser a atividade humana dominante apenas há 200 anos, após o capitalismo industrial (Gorz, 1988). Gorz (1988) afirma no seu livro, *Métamorphoses du travail: Critique de la raison économique*, que nas sociedades pré-modernas se trabalhava menos, muito menos (p. 343). O autor vai mais longe dizendo que o que nós hoje apelidamos de trabalho "é uma invenção da modernidade" (Gorz, 1988, p. 29), que foi difundida com a industrialização. A Revolução Industrial,

nascida na Inglaterra em meados do século XVIII, constitui deste modo um marco fundamental na ideia contemporânea que temos do trabalho, com a organização científica do trabalho a florescer ao longo do século XIX, atingindo o seu pico no decurso da primeira metade do século XX, nos EUA, nas fábricas metalúrgicas (taylorsimo) e automobilistas (fordismo) (Gonçalves & Coimbra, 2007).

Os modelos revolucionários de Frédéric W. Taylor e Henry Ford, que defendiam a separação entre conceção e execução, a parcialização das atividades e a especialização dos trabalhadores (Negura, 2006), acarretaram consequências substanciais no mundo do trabalho. Isto é, devido ao carácter unidimensional das tarefas que os "soldados da indústria", nas palavras de Gorz (1988), realizavam diariamente, o trabalho perdeu o seu sentido, o trabalhador passou a ser um mero acessório da máquina, sendo-lhe apenas exigida a tarefa mais simples, rápida e monótona, ou seja, a atividade de trabalho consistia numa ação trivial, mecânica e repetitiva (Antunes, 2013; Gorz, 1988).

Após a II Guerra Mundial, as sociedades capitalistas viveram uma fase de crescimento económico sem precedentes, que ficou conhecido na história como o período dos "Trinta Gloriosos", no qual se assistiu a uma descida dos níveis de desemprego, à subida dos salários e onde os empregos eram estáveis, a longo prazo (Negura, 2006). Estas características geraram, entre os descendentes da classe trabalhadora, o "mito do pleno emprego" e a "ilusão de uma mobilidade social ascendente" (Gonçalves & Coimbra, 2007, p. 409), no qual o trabalho era agora compreendido como o caminho para a realização pessoal (Gonçalves & Coimbra, 2007).

Todavia, a internacionalização dos mercados, as inovações e o desenvolvimento tecnológico tornaram os modelos até agora vigentes desadequados e ultrapassados. Para fazer face a este novo ambiente, caracterizado sobretudo pela diversidade, complexidade e instabilidade, novos modelos de gestão foram adotados, nomeadamente o modelo pósfordista. Este modelo assenta sobre o princípio do desempenho, no qual as empresas defendem uma lógica de flexibilidade e de desenvolvimento das competências dos seus trabalhadores, onde se procura que estes se impliquem subjetivamente no seu trabalho, realizando-o de forma autónoma

e responsável (Mercure, 2013). Dá-se, assim, início à sociedade pósindustrial que tem como grande desafio garantir uma melhor qualidade de vida e de trabalho, e onde a tecnologia se assume como a chave elementar (Gonçalves & Coimbra, 2007). A sociedade contemporânea fica também marcada pelo desemprego desmedido, pelo aumento de trabalhos instáveis e precários e pela degradação da relação homem-natureza que se amplifica de dia para dia, devido à sede que a sociedade tem em produzir bens e venerar o capital (Antunes, 2013; Gonçalves & Coimbra, 2007).

Nos dias que correm, grandes expetativas são colocadas no trabalho, isto é, não se trabalha somente para ganhar a vida e para receber o salário ao fim do mês, esperam-se também direitos sociais, realização pessoal, reconhecimento e, também muito importante, que a atividade realizada seja provida de sentido (Gorz, 1988; Méda & Vendramim, 2013 citado em Méda, 2016). O trabalho permite ao indivíduo pertencer à sociedade, conferindo-lhe um sentido à vida (Gonçalves & Coimbra, 2007; Gorz, 1988; Méda, 2016). Perante uma situação de desemprego, acontece muitas vezes a pessoa ter a impressão que estagnou, que ficou parada no tempo, enquanto os outros vão crescendo e evoluindo. Sente que é inútil, que não constitui interesse para ninguém, podendo mesmo experienciar sentimentos de exclusão e marginalização (Gonçalves & Coimbra, 2007; Labbé & Puech, 2002). Desta forma, o trabalho constitui atualmente uma "dimensão central na vida das pessoas, famílias e sociedade" (Gonçalves & Coimbra, 2007, p. 416) uma vez que tem grande impacto na realização pessoal e social dos indivíduos, além de que lhes viabiliza uma qualidade de vida mais favorável (Gonçalves & Coimbra, 2007; Gorz, 1988). O trabalho assume-se, assim, como um "bem precioso a prosseguir, disputar e preservar" (Gonçalves & Coimbra, 2007, p. 416).

b. Migração

A Organização Internacional para as Migrações (OIM) estima que em 2010 existiam cerca de 214 milhões de migrantes no mundo, sendo que seis dos dez países que possuem as maiores taxas de população nascida no estrangeiro são europeus, mais precisamente, Rússia, Alemanha, França, Reino Unido, Espanha e Ucrânia (OIM, 2010).

A migração internacional, segundo a OIM, corresponde aos "movimentos de pessoas que deixam os seus países de origem ou de residência habitual para se fixarem, permanente ou temporariamente, noutro país" (OIM, 2009, p. 42) e que o fazem com o objetivo de melhorar as suas condições de vida, "nenhum cidadão, seja qual for o seu país, religião, cor ou credo, pretende emigrar se, no seu país, tiver um mínimo de condições de vida e perspetiva de futuro. Assim acontece em qualquer parte do mundo" (Albino, 1999, p. 124).

Podemos assim, olhar a migração como um espelho que reflete as diferenças socioeconómicas dos países e que é altamente influenciada pela globalização, economia mundial e guerras, fatores estes que vão alterando o padrão migratório mundial, tanto de recetores como de emissores de migrantes (Arede, 2014; Brzozowski, 2012). Hoje, as questões migratórias estão mais do que nunca "em cima da mesa", tendo sido mesmo desenvolvidas e implementadas em várias cidades europeias políticas de integração de imigrantes, com a finalidade de quebrar barreiras culturais entre imigrantes e população nativa (Belarbi, 2004).

i. A emigração portuguesa

Portugal, país de emigração e de imigração (Ferreira, 2009) conheceu os seus primeiros fluxos migratórios no século XV (Prelhaz, 2012). Desde aí que este fenómeno nunca mais se extinguiu, apesar de ir variando de intensidade de acordo com os períodos de maior ou menor degradação das condições socioeconómicas do país (Ramos, 2014).

Estima-se que existam mais de 2,3 milhões de emigrantes portugueses espalhados pelo mundo, o correspondente a 22% da população portuguesa, o que faz de Portugal um dos países da União Europeia com mais emigrantes. A França é o país que acolhe a maior comunidade de emigrantes portugueses, que registou, em 2013, mais de 600 mil pessoas (Pires, Pereira, Azevedo, Vidigal, & Veiga, 2017). A "fuga" à pobreza, isto é, causas de natureza económica, são as grandes razões justificativas desta escolha (Barreto, 2005; Bernardo, 2016).

Nos anos 60, período da guerra colonial, Portugal, regido por uma ditadura e onde grande parte da sua população era analfabeta, apresentava-se

como um país profundamente atrasado, pobre e pouco industrializado comparativamente a muitos países da Europa Ocidental, o que motivou a grande vaga de emigração vivida nestes anos, uma vez que a emigração se apresentava como a única via possível para fugir à miséria sentida (Bernardo, 2016; Ferreira, 2009). E, se nas primeiras décadas do século XX, o Brasil e as várias colónias africanas se destacavam como o local mais atrativo para os emigrantes portugueses, na década de 60 foi a vez do centro da Europa, e principalmente a França, dominarem a ida dos portugueses para fora (Arede, 2014; Ferreira, 2009; Silva, 2015).

Nesta altura do pós II Guerra Mundial os emigrantes encontravam sobretudo trabalhos com baixos níveis de especialização, associados ao fordismo (Barreto, 2005), uma vez que estas regiões tinham uma elevada carência de trabalhadores nos setores menos qualificados (Silva, 2015). Contudo, ressalva-se que a mão-de-obra portuguesa era não qualificada, uma vez que Portugal não investia na educação das suas gentes (Barreto, 2005). Durante este período de grande fluxo emigratório, e onde muitas vezes a emigração era clandestina (Albino, 1999), a tendência foi de os homens emigrarem sozinhos, enviando dinheiro para as suas famílias que deixavam em Portugal. Posteriormente, esta tendência alterou-se, com as mulheres a juntarem-se aos homens, tendo a emigração passado a assumir-se como permanente (Barreto, 2005).

Já no início do século XXI e até à crise económica de 2008, a emigração registava números bastante reduzidos. Contudo, a partir deste momento de tensão financeira, uma nova vaga emigratória viria a registar-se (Ramos, 2014), com mais de 300 000 mil portugueses a saírem de Portugal de forma permanente (INE, 2017).

c. A teoria das representações sociais

Se olharmos com alguma atenção à etimologia da palavra representar, em latim *representare*, esta faculta pistas que nos ajudarão a compreender melhor o conceito que irá ser abordado no presente subcapítulo – a representação social – uma vez que significa tornar presente ao sentido e ao espírito através de uma imagem ou símbolo (Belarbi, 2004). Por conseguinte, Serge Moscovici reformulou, em 1961, o conceito de

representação coletiva de Durkheim aquando da elaboração da sua dissertação de doutoramento — *La psychanalyse*, son image et son public — de modo a criar uma teoria mais adaptada à diversidade e pluralidade de representações que organizam as relações simbólicas nas sociedades modernas (Castro, 2002; Doise, 1990). Isto é, as representações sociais são atividades mentais de construção da realidade que todas as sociedades criam a respeito de objetos, como por exemplo, o trabalho, o desemprego, a profissão (Mamontoff, 2008; Negura & Lavoie, 2016). Os "outros" também podem ser um objeto de representação quando são de culturas diferentes. Por outras palavras, o emigrante acaba, muitas vezes, por ser descrito pelo país acolhedor não pela sua pessoa real, mas sim pela pessoa reconstruída que representa, como o "não-cidadão" ou o "estrangeiro" (Belarbi, 2004).

Elaboradas no processo de comunicação e práticas sociais dos indivíduos no seu dia-a-dia, as representações sociais orientam os comportamentos e atitudes das pessoas, permitindo a construção de uma visão partilhada da realidade (Campbell & Jovchelovitch, 2000; Moscovici, 1979 citado por Belarbi, 2004; Negura & Lavoie, 2016). A teoria das representações sociais é, por conseguinte, valiosa para a compreensão dos fenómenos relacionados com o funcionamento e estrutura do pensamento social bem como a dinâmica das relações entre grupos (Marquez & Leon, 2012).

Não podendo ser usada numa perspetiva exclusivamente psicológica ou sociológica, pois isso seria retirar à sua essência as referências aos múltiplos processos individuais, interindividuais, intergrupais e ideológicos (Doise, 1990), as representações sociais são uma realidade múltipla e dinâmica difícil de condensar numa definição simples (Moscovici 1961 citado por Negura & Lavoie, 2016), devido à pluralidade de abordagens e de significados que ela transmite (Doise, 1990). Ainda assim, Moscovici (1976, citado por Moscovici, 2000, p. 12) define-as como:

Um sistema de valores, ideias e práticas com duas funções: estabelecer uma ordem, a qual permite aos indivíduos orientarem-se no seu mundo material e social e dominá-lo; permitir que a comunicação se desenrole entre membros de uma comunidade oferecendo-lhes um código social de conduta e um código para

categorizar e classificar de forma inequívoca os vários aspetos do seu mundo e da sua história individual e grupal.

d. Representações sociais do trabalho

O trabalho, "realidade dinâmica em perpétua evolução" (Negura & Lavoie, 2016, p. 311) ocupa um lugar central nos interesses das pessoas, sendo alvo de discussão em casa, no café, com os amigos, na televisão, como também em investigações científicas (Negura & Lavoie, 2016). E, como iremos ver, os estudos que se vão debruçando sobre as representações sociais do trabalho têm permitido compreender o lugar que o trabalho ocupa na vida das pessoas e o sentido que lhe é atribuído (Marquez & Leon, 2012; Negura & Lavoie, 2016).

Ainda que realizadas em diferentes contextos sociais populacionais, as investigações permitiram demonstrar a existência de um conteúdo bastante similar da representação social do trabalho (Negura & Lavoie, 2016). Isto é, a representação estará organizada em torno de pois pólos centrais, um ligado ao aspeto financeiro (dinheiro, salário) e o outro, ligado ao aspeto humano (prazer, realização pessoal, conhecimentos, ambiente de trabalho, faz parte da vida), e que embora menos destacado que o primeiro, ocupa de igual forma um lugar de relevo (Negura & Lavoie, 2016). Os dados de Salmaso e Pombeni (1986), investigação de referência neste domínio (Negura, 2006), mostram-nos que as pessoas veem o trabalho como um meio de ganhar a vida, que é através dele que se consegue obter dinheiro e independência e, para além de ocupar bastante tempo e de requerer concentração e esforço, torna as pessoas úteis à sociedade (Salmaso & Pombeni, 1986). Por sua vez, Labbé (2013), ao comparar as categorias "travail", "profession", "emploi" e "métier", concluiu que a remuneração, a vida profissional, o investimento, as perspetivas, a distração e a integridade estão presentes em todos os objetos, mas que ainda assim, o elemento "remuneração" ocupa o lugar de maior saliência, uma vez que foi o mais mencionado nas quatro categorias. O trabalho pode ser ainda entendido como um aglomerado de três dimensões, especificamente a dimensão material, uma vez que providencia um salário; a dimensão social, pois confere reconhecimento; e, por último, mas não menos importante, a

dimensão simbólica, na medida em que proporciona um sentido aos indivíduos (Perez, 2012 citado por Labbé, 2013).

Não obstante as semelhanças do conteúdo, diferenças existem na estrutura da representação social em função do grupo social e contexto económico que as produz (Labbé, 2013; Negura & Lavoie, 2016). Para corroborar esta ideia, Negura e Lavoie (2016) põem em evidência o estudo de Clémence publicado em 1998, no qual se observaram marcadas diferenças entre trabalhadores manuais e trabalhadores intelectuais, na medida em que para os primeiros o trabalho é um constrangimento indispensável e, para os últimos, é uma forma de realização pessoal. Também nos podemos apoiar na investigação de Marquez e Leon (2012), na qual, ao compararem dois grupos com estatutos profissionais distintos da função pública francesa, encontraram diferenças no conteúdo e organização da representação destes. No grupo com estatuto profissional mais baixo os elementos "constrangimento" e "obrigação" constituem o núcleo central da sua representação, enquanto que estes elementos correspondem ao subsistema periférico do grupo com estatuto profissional superior. Já o núcleo central deste último grupo é constituído pelos elementos "realização", "necessidade" e "autonomia", correspondendo aos elementos do subsistema periférico do grupo com estatuto profissional mais baixo. As investigações de Claude Flament também demonstram que certos elementos variam segundo os grupos. A sua investigação confirma, de facto, a existência dos dois elementos centrais, remuneração e prazer na maior parte dos grupos, mas que não impede a existência de diferenças nalguns elementos. Concretamente, e a título de exemplo, o autor concluiu que enquanto o trabalho assume um papel integrador para pessoas mais velhas, para os jovens este possui menos importância, sendo associado "constrangimento" (Flament, 1996; Flament 1994 citado por Negura 2006).

Contudo, as crises económicas e as transformações societais que se têm vivenciado acarretam grandes mudanças no mundo do trabalho, causando também um grande impacto psicológico nos indivíduos, isto é, não só o trabalho muda como também as representações sociais do trabalho que estes possuem sofrem alterações (Negura, 2006). Todavia, nos últimos anos,

as investigações neste domínio têm carecido de atenção por parte da comunidade científica.

II - Objetivos

A presente investigação apoia-se na teoria das representações sociais e tem como objetivo primordial estudar as perceções sobre o trabalho de adultos portugueses, mais especificamente pretende-se averiguar as representações sociais do trabalho em função de ser, ou não, emigrante.

Como já mencionado na revisão da literatura efetuada, o mundo do trabalho tem sido alvo, ao longo dos tempos, de profundas transformações, considerando-se, por isso, pertinente compreender o que é que o trabalho representa para as pessoas nos dias de hoje. Com o forte período de crise económica vivido em Portugal, a partir da crise económica mundial de 2008, o trabalho e as condições de vida da população portuguesa sofreram um profundo golpe, registando-se, entre outros, o aumento das desigualdades no trabalho, o desemprego desmedido (Gonçalves & Coimbra, 2007; Valentim, Poeschl & Forte, 2018) e uma nova vaga de emigração (Ramos, 2014). Por tudo isto, temos como sub-objetivo compreender de que modo a crise é prececionada e como os participantes se posicionam perante ela.

Adicionalmente, a presente investigação pretende instigar o desenvolvimento de investigação deste tema, que é pertinente tanto teoricamente como em termo das suas implicações práticas.

Assim sendo, esta investigação pretende:

- i. Perceber o que é o trabalho para emigrantes e não emigrantes;
- ii. Identificar os aspetos mais e menos valorizados do trabalho;
- iii. Compreender como é que emigrantes e não emigrantes percecionam a crise;
- iv. Averiguar o que os dois grupos pensam sobre o trabalho em Portugal e o trabalho no estrangeiro;
- V. Identificar quais as maiores diferenças e semelhanças nas representações sociais de cada grupo.

III - Metodologia

O estudo é de carácter exploratório, tendo sido adotada uma abordagem qualitativa com recurso a entrevistas semi-estruturadas. Por ser uma técnica que permite uma exploração detalhada dos dados espera-se recolher informação profunda e rica sobre as perceções dos participantes (Braun & Clarke, 2013).

Para evitar qualquer perda de informação, as entrevistas foram gravadas, com o consentimento dos participantes, e posteriormente transcritas. Todos os participantes assinaram um protocolo de consentimento informado, tendo-lhes sido concedida uma explicação prévia sobre os objetivos e decurso da investigação. A confidencialidade dos participantes foi respeitada e mantida ao longo de todo o estudo. As entrevistas, realizadas com recurso a um guião base previamente construído (cf. Anexo I), foram conduzidas durante os meses de outubro, novembro e dezembro de 2018. Procurou-se sempre que as entrevistas se realizassem em locais calmos e com o mínimo de distrações possíveis.

Realizam-se 33 entrevistas, 13 a emigrantes e 20 a não emigrantes. O grupo de emigrantes é composto por 13 adultos, de entre os quais 8 são do sexo feminino (61,5%) e 5 do sexo masculino (38,5%), com idades compreendidas entre os 40 e os 60 anos (*M*=51). Todos os emigrantes trabalham em França, especificamente na região parisiense. O segundo grupo é constituído por 20 adultos, 16 do sexo feminino (80%) e 4 do sexo masculino (20%), com idades compreendidas entre os 40 e os 58 anos (*M*=46,6), que nunca emigraram e que trabalham, predominantemente, na região de Trás-os-Montes. Para que os grupos fossem o mais homogéneo possível decidiu-se que todos os participantes teriam profissões manuais (cf. Anexo II).

Posteriormente à transcrição das entrevistas iniciou-se o tratamento da informação recolhida, isto é, a análise de conteúdo, caracterizada por Bardin (1994) como o "conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens" (p. 38), que tem por objetivo último identificar os aspetos essenciais que compõem estas entrevistas. Operacionalmente, a análise iniciou-se com uma leitura flutuante de todo o material, de modo a facilitar a

familiarização com a informação existente, seguida de uma leitura individualizada na qual se registaram expressões e/ou palavras chaves presentes nas comunicações. Seguidamente, procedeu-se à formulação de categorias e componentes de acordo com o procedimento em "milha", no qual as categorias resultam da classificação analógica dos elementos que surgem gradualmente ao longo da análise (Bardin, 1994). Esta construção teve como pressuposto os critérios, declarados por Laurence Bardin (1994), de exclusão mútua, homogeneidade, pertinência, objetividade, fidelidade e produtividade. Para finalizar a análise dos dados realizou-se uma análise de frequências e respetivas percentagens para cada grupo.

IV - Resultados

Com o desenrolar da análise de conteúdo chegámos a quatro dimensões, tendo sido, deste modo, realizadas categorizações independentes para cada uma destas (cf. Anexo III). Os resultados vão, por consequência, ser expostos tendo em conta as dimensões construídas, sendo estas:

- Dimensão I: Perceções sobre o trabalho
- Dimensão II: Características de um trabalho
- Dimensão III: Perceções da crise em Portugal
- Dimensão IV: Perceções sobre a emigração

a. Dimensão I: Perceções sobre o trabalho

A presente dimensão reflete o que é que os entrevistados entendem por trabalho e é composta por sete categorias, apresentadas na Tabela 1. As categorias e os componentes referentes a esta e a todas as outras dimensões podem ser encontradas no Anexo IV.

Como aspetos importantes na perceção do que é o trabalho para os participantes surge, indiscutivelmente, e com elevado consenso entre emigrantes e não emigrantes, os aspetos financeiros e humanos do trabalho. No *pólo financeiro* é afirmado recorrentemente que o trabalho "... é algo que nos dá dinheiro" (NE25)¹, que permite sobreviver, ganhar a vida e ser independente de outros. Por sua vez, no *pólo humano* é destacado o papel que o trabalho tem no crescimento, identidade, satisfação, realização dos

¹ NE= Não emigrante, 25= código do entrevistado

indivíduos e, principalmente, na influência positiva que tem no seu bemestar e saúde, "... é stressante estar sem fazer nada. Ainda aqui há uns tempos estive um mês de baixa em casa e estava fartinha de lá estar" (NE23). Nos aspetos humanos inclui-se ainda o facto de o trabalho permitir mais qualidade e conforto no dia-a-dia dos entrevistados.

Tabela 1. Frequência e percentagens de emigrantes e não emigrantes que enunciam as categorias da Dimensão I - perceções do trabalho

	Perceções sobre o trabalho											
	Pólo financeiro	Pólo humano	Pólo simbólico	Ocupação	Dever	Lugar central	Consome muito tempo					
Emigrantes n	13	12	10	7	8	10	9					
%	100%	92,3%	76,9%	53,8%	61,5 %	76,9%	69,2%					
Não Emigrantes n	20	19	11	16	3	16	13					
%	100%	95%	55%	80%	15%	80%	65%					

Com grande desacordo entre grupos, surge o componente *dever*. Para a maioria dos emigrantes, o trabalho é "... é obrigatório, senão como é que se pode viver?" (E12)², o que contrasta com a perspetiva dos não emigrantes, que veem o trabalho mais como uma ocupação, como algo que permite entreter e distrair, do que como algo ao qual não se pode renunciar.

b. Dimensão II: Características de um trabalho

Na segunda dimensão apresentam-se as características apreciadas no trabalho e os aspetos menos bons do mesmo. No que concerne a categoria *aspetos valorizados no trabalho* os participantes identificaram onze componentes, que se encontram representados na Tabela 2.

Os componentes *bom ambiente* e *gostar do trabalho*, para além de serem dos mais mencionados pelos participantes, são bastante consensuais entre os dois grupos em análise. O primeiro componente mencionado diz respeito à existência de um ambiente de trabalho harmonioso e respeitador entre os colegas e superiores, "haver uma boa relação entre o patrão e os trabalhadores, e entre trabalhadores, conta muito, é muito importante" (E7). No componente *gostar do trabalho* as pessoas afirmam que para um indivíduo ser eficiente, estar motivado e encontrar satisfação na sua atividade profissional este tem de gostar do que faz, "tu vais para um

² E= Emigrante, 12= código do entrevistado

trabalho que pensas que gostas (...) mas tu podes ir e não gostar. E se não estiveres satisfeita, eu sou assim, vais trabalhar para fazer o teu dia e aquele dia parecem-te quinze. Se estiveres satisfeita... tu fazes, fazes bem feito e ainda tens mais vontade de fazer e de continuar todos os dias a trabalhar... é o prazer, se tu estiveres contrariada não vale a pena avançar" (E8).

Tabela 2. Frequência e percentagens de emigrantes e não emigrantes que enunciam os componentes da categoria Aspetos valorizados no trabalho na Dimensão II - características de um trabalho

	Aspetos valorizados no trabalho												
	Bom	Gostar						Boa					
	ambi	do	Con	Apren	Ordenad	Profissio	Ser	dispos	Hones	Condições	Reconheci		
	ente	trabalho	vívio	der	0	nalismo	útil	ição	tidade	favoráveis	mento		
Emigrantes n	6	9	5	3	11	5	5	0	2	3	2		
%	46,2%	69,2%	38,5%	23,1%	84,6%	38,5%	38,5%	0%	15,4%	23,1%	15,4%		
Não Emigrantes n	11	14	4	3	7	7	5	2	2	1	2		
%	55%	70%	20%	15%	35%	35%	25%	10%	10%	5%	10%		

O *convívio* surge, também, como um aspeto valorizado no trabalho, contudo, este revela-se um componente mais apreciado pelos emigrantes. Desta forma, o contacto que o trabalho permite com outras pessoas é, sobretudo para emigrantes, bastante satisfatório e saudável, "o contacto com as pessoas, faz prazer discutir um bocadinho com elas..." (E11).

O *ordenado* é, indiscutivelmente, o aspeto mais valorizado pelos emigrantes. Para estes, a remuneração é o que nos motiva a trabalhar, sendo mesmo considerada como o principal benefício do trabalho, "... mas o mais importante de um trabalho é no fim do mês receberes a massa... se ganhares bem estás mais motivada para trabalhar, agora se ganhares mal não te interessa levantar da cama" (E2). Já no grupo dos não emigrantes, a remuneração também é um elemento valorizado no trabalho, contudo longe da importância atribuída pelo grupo anterior.

O componente *condições favoráveis*, no qual são englobados aspetos como a organização e o *stress*, não reúne consenso entre os grupos, relevando-se mais importante para o grupo de emigrantes.

Por sua vez, na categoria referente aos *aspetos negativos do trabalho* obtiveram-se dez componentes, presentes na Tabela 3.

O *desgaste/cansaço*, destacou-se nos dois grupos consensualmente. Os participantes referiram que nem sempre se tem disposição para ir trabalhar e que nem sempre é fácil ter de assumir as responsabilidades quando se está cansado, tal como podemos observar no excerto "às vezes não tens muita vontade de ir, não temos todos os dias vontade de ir trabalhar, às vezes está-se cansado, não se está em forma (...) mas temos de ir na mesma, forçamo-nos para ir trabalhar na mesma" (E13). Com elevado consenso também surgiu o componente *não ser reconhecido*. Para os entrevistados, ser desvalorizado no seu local de trabalho é prejudicial, "... quando trabalhas bastante e não és reconhecida, aí é complicado..." (E1).

Tabela 3. Frequência e percentagens de emigrantes e não emigrantes que enunciam os componentes da categoria Aspetos negativos do trabalho na Dimensão II - características de um trabalho

	Aspetos negativos do trabalho												
		Tempo	Não gostar	Deterior	Mau	Condições	Não	Mono	Trazer o	Não vejo			
	Desgaste/	que	do seu	ação da	ambie	de trabalho	ser reco	tonia	trabalho	aspetos			
	Cansaço	ocupa	trabalho	saúde	nte	difíceis	nhecido		para casa	negativos			
Emigrantes n	5	0	3	3	4	5	3	1	0	2			
%	38,5%	0%	23,1%	23,1%	30,8%	38,5%	23,1%	7,7%	0%	15,4%			
Não Emigrantes n	6	5	3	3	2	4	5	2	1	2			
%	30%	25%	15%	15%	10%	20%	25%	10%	5%	10%			

Uma elevada disparidade entre os grupos é encontrada no componente *tempo que ocupa*. Sendo apenas referido por participantes não emigrantes, este componente realça a dificuldade que os indivíduos têm no cumprimento dos horários de trabalho e na gestão do tempo trabalho-vida pessoal, "a falta de tempo para outras coisas, falta de tempo pessoal digamos assim" (NE27).

O componente *condições de trabalho difíceis*, no qual é abordado a questão dos trabalhos difíceis tanto física como psicologicamente, é um dos mais enunciados como um aspeto negativo do trabalho pelo grupo de emigrantes. Este aspeto surge no grupo dos não emigrantes, mas com menos ênfase.

c. Dimensão III: Perceções da crise em Portugal

Nesta dimensão obtiveram-se nove componentes para a categoria *causas da crise* (cf. Tabela 4) e oito componentes para a categoria *soluções* para fazer face à crise (cf. Tabela 5).

A perceção de que em Portugal se *trabalha pouco*, foi bastante recorrente no discurso dos não emigrantes. Na visão desse grupo, em

Portugal as pessoas querem ganhar muito, mas trabalhar pouco. Referem ainda que existem muitos "parasitas" no país, no sentido de que há muita gente que não quer trabalhar pois prefere usufruir dos subsídios conferidos pelo Estado. Os emigrantes concordam com esta ideia, afirmando ainda que os não emigrantes não se esforçam, nem se sacrificam tanto no e para o trabalho, comparativamente a eles. Ainda assim, existe uma grande divergência na frequência com que os grupos referem esta perceção, estando muito mais presente no grupo dos não emigrantes.

Tabela 4. Frequência e percentagens de emigrantes e não emigrantes que enunciam os componentes da categoria Causas da crise na Dimensão III - perceções da crise em Portugal

	Causas da crise											
		Vive-se			Falta	Má		Precariedade	Sistema			
	Trabalha-	acima da	Confor	Oportu	de	gestão	Corrup	do	político			
	se pouco	média	mismo	nismo	população	política	ção	trabalho	Europeu			
Emigrantes n	4	0	0	4	1	7	4	4	1			
%	30,8%	0%	0%	30,8%	7,7%	53,8%	30,8%	30,8%	7,7%			
Não Emigrantes n	10	4	3	3	3	12	5	8	2			
%	50%	20%	15%	15%	15%	60%	25%	40%	10%			

Uma elevada disparidade entre os grupos é encontrada no componente *vive-se acima da média*, uma vez que é apenas referido por participantes não emigrantes. Para este grupo de indivíduos, os portugueses vivem acima das suas posses, recorrem demasiado a empréstimos e gastam dinheiro que não têm.

A má gestão política foi a causa mais referida para os dois grupos em estudo, de forma consensual. Neste componente, os entrevistados referem que as causas da crise se encontram a nível do Estado, da governação que não é a desejável, das políticas adotadas não serem as melhores e do dinheiro público não ser investido nos locais corretos. A título de exemplo, é afirmado: "políticas, essencialmente políticas (...) más decisões do governo e o Zé Povinho é que paga sempre a fatura" (NE33).

Para além da má gestão por parte dos políticos portugueses, a *corrupção* surge consensualmente entre os grupos, ambos defendem que é algo que está muito presente na sociedade portuguesa e que não contribui em nada para o seu crescimento. "... roubam milhões e não vão presos... agora nós somos uns desgraçados, trabalhamos para pagar aos outros" (NE19).

Para fazer face à crise os entrevistados apresentam um conjunto alargado de soluções, que a seguir se apresentam (cf. Tabela 5).

Uma das soluções apontadas pelos participantes é *trabalhar mais*. Para os dois grupos ter vontade de trabalhar é um bom começo para se fazer face à crise.

Tabela 5. Frequência e percentagens de emigrantes e não emigrantes que enunciam as principais componentes da categoria Soluções para fazer face à crise na Dimensão III - perceções da crise em Portugal

	Soluções para fazer face à crise											
Trabalhar Não Gerir melhor o Menos								Mais e melhores				
	mais	emigrar	Emigrar	que se tem	oportunismo	políticas	Investir	trabalhos				
Emigrantes n	3	0	6	1	1	5	4	0				
%	23,1%	0%	46,2%	7,7%	7,7%	38,5%	30,8%	0%				
Não Emigrantes n	4	10	0	3	2	13	3	2				
%	20%	50%	0%	15%	10%	65%	15%	10%				

Adicionalmente, para o grupo dos não emigrantes *não emigrar* seria uma boa solução para ajudar o país, uma vez que com a emigração o país perde valor, fica mais pobre, perde-se potencial humano, perde-se mão-de-obra, tal como podemos observar com o trecho: "Portugal deixa fugir muito boas cabeças. E nós aqui temos cabeças muito, muito boas, mas está tudo fora (...) eu detesto que as pessoas emigrem, o país perde, perdemos todos" (NE22). Para este grupo, a emigração é uma solução individual, que "... não ajuda Portugal a crescer" (NE33). Por sua vez, os emigrantes têm uma ideia totalmente contrária, dado que para estes *emigrar* é uma solução, para muitos a melhor solução, "acho que está à vista de todos (...) emigrar, foi o que eu e milhões de pessoas fizemos" (E11).

Outro componente que mereceu grande ênfase por parte dos entrevistados, registando-se, ainda assim, uma elevada discrepância entre os grupos, é a ideia de que é urgente mudar o país, de que são necessárias *reformas políticas*. Esta é a melhor solução para os não emigrantes, estes, ao longo dos seus discursos, centram-se sobretudo sobre a necessidade de rever a aplicação do rendimento mínimo, bem como reformar o sistema de ensino, particularmente as políticas de formação de adultos e os cursos profissionais. Manifesta-se também a ideia de que é indispensável "as pessoas serem mais honestas..." (NE25), sobretudo os políticos. Já os emigrantes focam-se essencialmente na perceção de que o Estado deveria conferir mais ajudas. Os dois grupos fazem ainda alusões à necessidade de "... os salários serem mais

altos..." (NE24) e à redução dos impostos de forma a aumentar o poder de compra dos portugueses, e por consequência, levar a um maior movimento da economia. Resumidamente, podemos afirmar que, segundo os participantes, são necessárias mudanças estruturais a vários níveis para se conseguir fazer face à crise.

d. Dimensão IV: Perceções sobre a emigração

A dimensão IV é composta por quatro categorias, apresentadas na Tabela 6. Estas representam as perceções sobre o trabalho e a vida no estrangeiro.

A ideia de que os emigrantes *fazem trabalhos que não fariam em Portugal* é partilhada somente por não emigrantes. Para este grupo, quem está no estrangeiro "agarra-se" a tudo, isto é, aceita todo o tipo de trabalhos, sujeitando-se a trabalhos que em Portugal não faria, "eles lá sujeitam-se a determinados trabalhos que aqui nunca se sujeitariam (...) eles estando num país de fora têm de se sujeitar a coisas que aqui nós não sujeitamos. Nós aqui, como vivemos no nosso país não temos de nos sujeitar tanto ao trabalho (...) fazem coisas que aqui não fariam" (NE14).

Tabela 6. Frequência e percentagens de emigrantes e não emigrantes que enunciam as categorias na Dimensão IV - perceções sobre os emigrantes

Perceções sobre os emigrantes											
	Fazem trabalhos que	Sentimento de									
	não fariam em Portugal	mais	ao dinheiro	incompreensão							
Emigrantes n	0	10	0	13							
%	0%	76,9%	0%	100%							
Não Emigrantes n	9	18	12	0							
%	45%	90%	60%	0%							

Outro componente que mereceu grande ênfase por parte dos entrevistados, registando-se, ainda assim, uma ligeira discrepância entre os grupos, foi o ritmo de trabalho no estrangeiro, no sentido de que os emigrantes *trabalham mais*. Na opinião dos dois grupos, o ritmo de trabalho no estrangeiro é mais intenso, trabalhando-se mais horas. Em Portugal "há mais tolerância, o ritmo de trabalho é mais calmo... lá não, trabalhas o dia todo sem parar" (NE15). Por seu lado, está presente no discurso dos emigrantes a ideia de que os não emigrantes são mais "preguiçosos" e que se quisessem trabalhar tanto como os emigrantes também poderiam fazê-lo,

porém não querem, "eles lá se quiserem trabalhar mais também podem, eles é que recusam. Eu se me propuserem fazer mais horas, já que estou lá e estou não há problemas, faço mais duas horas, uma hora, o que me pedirem. E lá não, são mais preguiçosos!" (E8). Adicionalmente, referem que o emigrante é mais dedicado e esforçado no trabalho.

Denotou-se a existência de uma perceção bastante partilhada entre os entrevistados não emigrantes, contudo ausente no outro grupo, de que os emigrantes *dão sobretudo valor ao dinheiro* enquanto eles preferem viver o dia-a-dia tranquilamente, com mais qualidade de vida, o qual é evidenciado no exemplo "os emigrantes dão muita importância ao dinheiro, enquanto que nós aqui vivemos a vida, eles lá não vivem, acabam por não viver a vida" (NE16). Este grupo refere ainda que os emigrantes são exibicionistas, pois consideram-se num patamar superior ao deles, fazendo demasiada questão em vangloriar-se do seu poder económico.

No discurso de todos os emigrantes, sem exceção, é evidenciado um sentimento de incompreensão. Os emigrantes sentem que os não emigrantes têm uma imagem bastante negativa deles, "nós, os emigrantes, para os portugueses (...) acho que somos uns atrasos de vida (...) acham que só estamos aqui para trabalhar por causa do dinheiro, que não aproveitamos a vida, que aqui vivemos em casinhas fracas, e não é assim. Antigamente podiam ter um bocadinho de razão, mas agora não. Lá somos tratados (...) os meus vizinhos menosprezam-me por ser emigrante, «olha a emigrante chegou»" (E8). Referem ainda que se sentem tratados com desdém em Portugal e que os não emigrantes não conhecem a realidade do estrangeiro, não compreendendo, por isso, o seu modo de vida. Adicionalmente, mencionam que os não emigrantes pensam que eles apenas vão de férias para Portugal para mostrarem e exibirem aquilo pelo qual se sacrificaram um ano inteiro, porém defendem-se dizendo que vão de férias para Portugal para usufruir, ao máximo, de bons momentos com a família e amigos que não veem durante tantos meses. Concluem dizendo que se sentem tristes por existir esta imagem negativa em seu redor, acabando por se sentirem emigrantes no país que os acolhe e no seu próprio país, "acho que eles têm uma imagem fraca dos emigrantes e isso deixa-me triste (...) pensam que nós vimos para aqui fazer o que os franceses não querem fazer ou não sei (...) e têm uma imagem dos emigrantes que não é boa. Acabamos por nos

sentirmos estrangeiros nos dois sítios, cá e lá" (E12). Ressalva-se que os entrevistados abordaram esta questão espontaneamente, tendo-se denotado uma grande necessidade do grupo em abordar este assunto.

V - Discussão

Apesar de existirem diferenças pontuais, a conceção do trabalho entre os grupos é bastante similar. Sendo percecionado como uma "faca de dois gumes", na medida em que possui tanto aspetos positivos, tais como a satisfação, o crescimento e a obtenção de conforto, como negativos, como por exemplo, o desgaste, o *stress* e ocupar muito tempo, os entrevistados conferem-lhe claramente grande importância, sendo um pilar nas suas vidas. Adicionalmente, é fortemente destacado no discurso dos participantes o aspeto financeiro e humano que o trabalho tem. Sendo uma forma de ganharem a sua vida e de se sustentarem, é também um meio de se realizarem, fazerem aquilo que gostam, terem saúde, entre outros. Estes elementos corroboram os dados evidenciados na literatura (Flament, 1994 citado por Negura 2006; Márquez & Friemel, 2005; Méthivier, 2010; Negura & Lavoie, 2016) de que a representação social do trabalho está organizada em torno de dois pólos centrais, o pólo financeiro e o pólo humano.

Os valores, realidades que moldam as representações sociais e que simultaneamente podem ser elementos específicos do conteúdo da representação (Negura & Lavoie, 2016) também foram objeto de estudo (cf. Caetano, Tavares, & Reis, 2003; Duque, 2013). Duque (2013), ao analisar os valores do trabalho presentes na sociedade portuguesa através do *European Values Survey*³ relativo a 2008 concluiu que ser bem pago e ter um bom ambiente de trabalho foram os atributos do trabalho mais frequentemente citados como importantes para a população portuguesa. Passado sensivelmente uma década, segundo os nossos dados, estes valores continuam inerentes à conceção de trabalho, uma vez que foram dos aspetos mais valorizados para os grupos em análise. A investigação de Duque (2013) evidencia uma prioridade concedida aos valores extrínsecos do trabalho e só

³ Inquéritos que têm como finalidade primordial estudar os valores predominantes nos países europeus, as suas diferenças e a direção de possíveis mudanças, em vários contextos como o trabalho, a família e a política (Vala, 2003).

depois aos valores intrínsecos⁴, contudo, ressalva-se que no presente estudo se denota uma forte presença de ambos, uma vez que tanto valores extrínsecos como intrínsecos são amplamente salientados pelos participantes (cf. Tabela 1; Tabela 2).

Provocadora de acentuadas mudanças nas sociedades, nomeadamente no trabalho, a crise foi também alvo de interesse no presente estudo. Deste modo, as entidades responsáveis pela crise podem ser agrupadas em quatro fatores: pessoas (trabalhadores e cidadãos em geral), fatores externos (grandes nações e globalização), fatores internos (governos portugueses e corrupção) e organizações financeiras (bancos e organizações de crédito financeiro) (Poeschl et al., 2017; Valentim et al., 2018). O que parece ir claramente no sentido dos dados aqui encontrados, uma vez que julgamos não ser difícil agrupar os componentes que emergiram na análise de conteúdo nestas quatro grandes causas. Contudo, diferenças são encontradas na frequência da atribuição de responsabilidade, isto é, enquanto que nos estudos de Poeschl et al. (2017) e Valentim et al. (2018) os respondentes não culpam as pessoas, no presente estudo verifica-se o oposto, uma vez que os entrevistados afirmam que os portugueses poderiam trabalhar mais e que vivem, muitas vezes, acima da média. Ainda assim, a grande responsabilidade sobre a crise recai sobre a má gestão política (fatores internos), o que vai no sentido dos dados dos estudos supramencionados.

Para fazer face à crise os grupos estão em sintonia na ideia de que os portugueses devem procurar trabalhar mais e gerir melhor o que têm. Todavia afirmam que as mudanças têm de começar a nível político, pois é o governo quem tem o poder para mudar definitivamente o rumo do país, sendo eles que têm de saber aplicar as políticas corretas e dar o exemplo ao povo. Denota-se, assim, uma grande resignação e passividade por parte dos

⁴ Na literatura, os valores do trabalho têm sido classificados em duas categorias, os valores extrínsecos – função instrumental do trabalho no sentido em que este é percecionado como um meio para o alcance de determinados fins, valores como a remuneração e um ambiente de trabalho agradável são considerados nesta categoria – e os valores intrínsecos – fim em si mesmo, aspetos motivadores inerentes à atividade do indivíduo, por exemplo o reconhecimento, a realização e a aprendizagem (Caetano et al., 2003).

entrevistados (cf. Valentim et al., 2018), sobretudo dos não emigrantes, que transferem, na maioria das vezes, as ações para fazer face à crise para o governo. Este grupo de entrevistados vai mais longe afirmando que emigrar é uma solução individual que não beneficia em nada o desenvolvimento económico do país e que, por isso, deve ser evitada a todo o custo, defendendo a ideia de que os portugueses devem trabalhar no seu país para o ajudar a crescer. Já os emigrantes têm uma visão totalmente contrária defendendo que quem não está bem no seu país tem o direito e o dever de procurar soluções fora dele. Tal como em Valentim et al. (2018), esta leitura dos dados permite observar uma grande proximidade com a concetualização dos comportamentos de protesto usada por Wright, Taylor e Mogaddham (1990) que assenta em três tipos de distinção: entre inação e ação; entre ações que tencionam melhorar a condição pessoal (individualismo) e ações focadas para a melhoria das condições do grupo (coletivismo).

O sentir-se estrangeiro nos dois locais, por parte dos entrevistados emigrantes, é um dos pontos a salientar nos nossos resultados e, segundo Tedesco (2013), este sentimento não é incomum. O autor mencionado emprega, no seu artigo, o provérbio "quem sai do ar perde o lugar" o qual pode, sem sombra de dúvidas, ser aplicado à emigração, uma vez que quando o emigrante regressa ao seu país de origem este tem dificuldade em adaptar-se, sentindo que já não pertence mais ali pois, por muito que o local seja o mesmo, as coisas e as pessoas vão-se alterando, juntamente com o tempo (Ralph & Staeheli, 2011; Tedesco, 2013). Isto poderá dever-se às discrepâncias sociais que, segundo Raluca, Georgeta e Elena (2013) se criam entre os que ficam no país de origem e os que saem. Quem não é emigrante posiciona-se, geralmente, contra a migração, defendendo que os emigrantes são pessoas "snobes" e arrogantes, que ao emigrarem passam a interessar-se sobretudo pelo dinheiro (Raluca et al., 2013). Estes dados corroboram os resultados encontrados na presente investigação, uma vez que para o grupo de não emigrantes quem sai do país, para além de ser exibicionista, vive obcecado com o dinheiro, trabalhando com o único objetivo de "fazer" dinheiro.

VI - Conclusão

A presente investigação permitiu obter uma maior compreensão da perceção que os entrevistados têm sobre o que é o trabalho. Simultaneamente, ofereceu informação acerca de como é encarada a crise, bem como a emigração.

Apesar das tranformações no mundo do trabalho que têm levado à redução dos empregos e ao aumento da precariedade dos mesmos, o trabalho continua a ser percecionado como um bem imprescindível, ocupando um lugar central na vida dos entrevistados, uma vez que é o que lhes permite sobreviver por um lado e sentirem-se felizes por outro. As grandes diferenças entre os grupos encontram-se na forma como estes se percecionam mutuamente. Para os não emigrantes, quem está no estrangeiro trabalha muito, mas apenas porque vive obcecado com o dinheiro. Já os emigrantes percecionam o outro grupo como pessoas pouco dedicadas ao trabalho.

No que respeita à crise, denota-se que os emigrantes têm um posição mais individualista, referindo que cada qual deve lutar pelo seu bem-estar e condições de vida. Já os não emigrantes posicionam-se de forma mais coletiva, dizendo que as pessoas devem fazer um esforço para trabalhar e aceitar as condições que o seu país oferece, pois a emigração é uma solução apenas para quem vai e não para quem fica.

É importante salvaguardar que este estudo possui algumas limitações. Nomeadamente, a impossibilidade de generalizar os resultados obtidos para a população; o tamanho reduzido da amostra; a possibilidade de enviesamentos na análise do conteúdo em razão de não se ter realizado um acordo entre juízes; e as respostas obtidas pelos participantes poderem ter sido afetadas devido à inexperiência do entrevistador. Assim sendo, apela-se à realização de mais investigações que procurem entender as representações sociais do trabalho, tendo não só em conta o fator emigração, mas também outras características relevantes para a sociedade de hoje.

Referências

- Antunes, R. (2013). Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. Coimbra: Almedina.
- Albino, A. (1999). *Emigração: (100 anos) séc. XX a diáspora dos portugueses.* São Paulo: Edições Loyola.
- Arede, A. S. (2014). *Migrações internacionais e desempenho macroeconómico: uma análise exploratória do caso português* (Master's thesis, Universidade de Coimbra). Retrieved from http://hdl.handle.net/10316/26607
- Bardin, L. (1994). Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70.
- Barreto, A. (2005). *Globalização e migrações*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Belarbi, A. (2004). La dynamique des représentations sociales dans une situation d'immigration. *Revista CIDOB d'Afers Internacionals*, 66-67, 283-298.
- Bernardo, M. L. (2016). *A emigração portuguesa*. Póvoa de Santo Adrião: Pentaedro Publicidade e Artes Gráficas Lda.
- Braun, V., & Clarke, V. (2013). Successful qualitative research. A practical guide for beginners. London, UK: SAGE.
- Brzozowski, J. (2012). Migração internacional e desenvolvimento económico. *Estudos Avançados*, 26(75), 137-156.
- Caetano, A., Tavares, S., & Reis, R. (2003). Valores do trabalho em Portugal e na União Europeia. In J. Vala, M. V. Cabral, & A. Ramos (Org.), *Valores sociais: mudanças e contrastes em Portugal e na Europa* (pp. 429-455). Lisboa, Portugal: Imprensa de Ciências Sociais.
- Campbell, C., & Jovchelovitch, S. (2000). Health, community and development: towards a social psychology of participation. *Journal of Community* & *Applied Social Psychology*, 10(4), 255-270. Doi:10.1002/1099-1298(200007/08)10:4<255::aid-casp582>3.0.co;2-m

- Castro, P. (2002). Notas para uma leitura da teoria das representações sociais em S. Moscovici. *Análise Social*, *37*(164), 949-979.
- Duque, E. (2013). Work values in Portuguese society and in Europe. In A. P. Marques, C. Gonçalves, & L. Veloso (Coord.), *Trabalho, organizações e profissões: recomposições conceptuais e desafios empíricos* (pp. 81-98). Secção temática Trabalho, Organizações e Profissões, Associação Portuguesa de Sociologia.
- Doise, W. (1990). Les représentations sociales. In R. Ghiglione, C. Bonnet, & J.F. Richard (Eds.), *Traité de psychologie cognitive* (Vol. 3, pp. 113-174). Paris: Dunod.
- Ferreira, A. C. S. (2009). *A emigração portuguesa e as políticas migratórias europeias* (Master's thesis, Universidade de Aveiro). Retrieved from http://hdl.handle.net/10773/3447
- Flament, C. (1996). Les valeurs du travail, la psychologie des représentations sociales comme observation d'un changement historique. In J.-C. Abric (Ed.), *Exclusion sociale, insertion et prévention* (pp. 113-124). Saint-Agne: Érès.
- Gonçalves, C. M., & Coimbra, J. L. (2007). Significados e centralidade do trabalho nas sociedades ocidentais contemporâneas: uma abordagem psicológica e histórica-cultural. *Psychologica*, *44*, 401-426.
- Gorz, A. (1988). *Métamorphoses du travail: critique de la raison économique*. Paris: Gallimard.
- Instituto Nacional de Estatística. (2017). Portal do Instituto Nacional de Estatística. Retrieved from https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0006053&contexto=bd&selTab=tab2
- Labbé, S. (2013). Travail, métier, profession: quel idéal?. *Chroniques du travail*, (3), 94-113.
- Labbé, B., & Puech, M. (2002). O trabalho e o dinheiro. Lisboa: Terramar.

- Mamontoff, A-M. (2008). Dynamique de la fonction identitaire des représentations sociales dans le cas d'une rencontre entre deux cultures. *Anuario de Psicología*, 39(2), 249-268.
- Méda, D. (2016). Repenser le travail dans les sociétés post-croissance: une utopie raisonnable. Paris: Fondation Calouste Gulbenkian.
- Márquez, E., & Friemel, E. (2005). Activation des schemes cognitifs de base et actualisation des valeurs associées au travail. *Papers on Social Representations*, 14, 1.1-1.28.
- Marquez, E., & Leon, I. (2012). Dynamique identitaire, implication et representations sociales du travail. *Psicologia & Sociedade*, 24(2), 440-452. Doi:10.1590/s0102-71822012000200022
- Mercure, D. (2013). Le nouveau modèle de pouvoir et de domination au travail dans le mode de production postfordiste. *SociologieS*. Retrieved from http://sociologies.revues.org/4227
- Methivier, J. (2010). Impact de la peur sur les représentations sociales du travail et du chômage, chez de jeunes adultes en recherche d'emploi. *Bulletin de psychologie*, 507, 183-189. Doi:10.3917/bupsy.507.0183
- Moscovici, S. (2000). *Social representations: explorations in social psychology*. Cambridge: Polity Press.
- Negura, L. (2006). L'évolution de la représentation sociale du travail dans le contexte de mutations économiques en Occident. *Carrièrologie*, 10(3), 393-410.
- Negura, L., & Lavoie, C. (2016). Le travail représenté: diversité, dynamism et specificité de sa réalité. In G. Lo Monaco, S. Delouvée, & P. Rateau (Eds.), Les représentations sociales. Théories, méthodes et applications (pp. 299-311). Bruxelles: de Boeck.
- Organisation internationale pour les migrations. (2010). Etat de la migration dans le monde 2010 l'avenir des migrations: renforcer les capacites face aux changements. Genève, Suisse: OIM.

- Organização Internacional para as Migrações (2009). Glossário sobre migração (Report No. 22). Retrieved from https://www.acm.gov.pt/documents/10181/65144/Gloss%C3%A1rio.pdf/b66532b2-8eb6-497d-b24d-6a92dadfee7b
- Pires, P. R., Pereira, C., Azevedo, J., Vidigal, I., & Veiga, M. C. (2017).
 Emigração portuguesa. Relatório estatístico 2017. Retrieved from http://hdl.handle.net/10071/14830
- Poeschl, G., et al. (2017). Predictors of the perceived efficacy of actions against Austerity Measures. *International Review of Social Psychology*, 30(1), 41-51.
- Prelhaz, J. F. A. (2012). *Globalização das migrações* (Master's thesis, ISCTE-IUL). Retrieved from http://hdl.handle.net/10071/7067
- Ralph, D., & Staeheli, L. A. (2011). Home and migration: mobilities, belongings and identities. *Geography Compass*, 5(7), 517-530. Doi:10.1111/j.1749-8198.2011.00434.x
- Raluca, C. E., Georgeta, B. L., & Elena, M. (2013). The emigrant "identity" in the current global context. *Ovidius University Annals Economic Sciences Series*, *13*(1), 473-477.
- Ramos, S. F. M. (2014). *Dinâmicas transnacionais da emigração portuguesa em França* (Master's thesis, Universidade de Coimbra). Retrieved from http://hdl.handle.net/10316/27315
- Salmaso, P., & Pombeni, L. (1986). Le concept de travail. In W. Doise & A. Palmonari (Eds.), *L'étude des représentations sociales* (pp. 196-207). Neuchâtel: Delachaux et Niestlè.
- Silva, J. C. (2015). As três fases das migrações internacionais portuguesas no pós-guerra. *ACTA Geográfica*, 9(20), 141-151.
- Tedesco, J. C. (2013). "Nada é como era antes...": processos sócio-culturais nos locais de origem de fluxos migratórios para a Itália. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, 5(9), 190-207.

- Vala, J. (2003). Introdução. In J. Vala, M. V. Cabral, & A. Ramos (Org.), *Valores sociais: mudanças e contrastes em Portugal e na Europa* (pp. 27-44). Lisboa, Portugal: Imprensa de Ciências Sociais.
- Valentim, J. P., Poeschl, G., & Forte, T. (2018). O que fazer face à crise? Representações sociais da disposição para agir. *Análise Social*, 229, 53(4), 958-983.
- Wright, S., Taylor, D., & Moghadam, F. (1990). Responding to membership in a disadvantaged group: From acceptance to collective protest. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58(6), pp. 994-1003.

Anexos

Anexo I: Guião da entrevista



Guião da entrevista

Passos a seguir: (1) apresentação; (2) termo de confidencialidade; (3) pedir permissão para gravar; (4) explicitar qual é o objetivo da entrevista; (5) relembrar aos participantes de que não existem respostas certas ou erradas e que podem, sempre que não perceberem uma pergunta ou tiverem uma dúvida sobre a questão, pedir uma explicação; (6) realização da entrevista; (7) dúvidas; (8) agradecimento final e ficar com o contacto dos participantes que pretendam uma síntese da pesquisa.

Questões:

- 1. Identificação do sujeito
 - a. Sexo
 - b. Idade
 - c. Profissão
 - d. Tempo de trabalho
 - e. Há quantos anos emigrou (unicamente para os participantes emigrantes)
- 2. O que é para si o trabalho?
- 3. Quão importante é o trabalho para si? Porquê?
- Que lugar ocupa o trabalho na sua vida? (É um lugar central, secundário? Consome-lhe muito tempo?)
- 5. Imagina a sua vida sem trabalhar? (Seria esta uma hipótese possível?)
- 6. O que considera mais importante num trabalho?
- 7. Diga-me, por favor, exemplos de bons e de maus trabalhos.
- 8. Quais são, para si, os maiores benefícios do trabalho?

- 9. E quais são os aspetos mais negativos de trabalhar?
- 10. Na sua opinião quais são as principais causas da crise em Portugal?
- 11. Que soluções é que se podem adotar para fazer face à crise em Portugal?
- 12. (Só aos emigrantes) O que o levou a emigrar?
- 13. O que acha que leva tanta gente a emigrar?
- 14. Considera que os emigrantes valorizam o trabalho de uma forma diferente que as pessoas que nunca saíram do seu país para trabalhar? (Em que sentido e porquê?)

Anexo II: Caracterização da amostra

Tabela A1. Caracterização da amostra

				Há quantos	
Participantes	Idade	Sexo	Profissão	anos trabalha	Residência
E1	47	Feminino	Empregada de limpeza	30	França, há 28 anos
E2	47	Masculino	Mecânico	29	França, há 25 anos
E3	60	Feminino	Empregada de limpeza	42	França, há 38 anos
E4	60	Masculino	Jardineiro	43	França, há 37 anos
E5	40	Feminino	Auxiliar de geriatria	29	França, há 15 anos
E6	49	Masculino	Eletricista	33	França, há 33 anos
E7	50	Feminino	Empregada de limpeza	34	França, há 34 anos
E8	60	Feminino	Empregada de limpeza	48	França, há 42 anos
E9	52	Feminino	Empregada de limpeza	37	França, há 35 anos
			Trabalhador na construção		
E10	59	Masculino	civil por conta própria	50	França, há 36 anos
			Trabalhador na construção		
E11	49	Masculino	civil por conta própria	30	França, há 30 anos
E12	45	Feminino	Empregada de limpeza	27	França, há 27 anos
E13	45	Feminino	Empregada de limpeza	28	França, há 28 anos
NE14	43	Feminino	Empregada de balcão	25	Portugal
NE15	40	Feminino	Costureira	23	Portugal
NE16	46	Feminino	Florista	28	Portugal
NE17	40	Feminino	Costureira	21	Portugal
NE18	44	Feminino	Empregada de balcão	27	Portugal
NE19	43	Feminino	Agricultora	28	Portugal
NE20	41	Feminino	Costureira	24	Portugal
NE21	42	Feminino	Empregada de balcão	20	Portugal
NE22	50	Feminino	Empregada de balcão	28	Portugal
NE23	50	Feminino	Empregada de balcão	30	Portugal
NE24	58	Feminino	Empregada de limpeza	43	Portugal
NE25	49	Feminino	Empregada de limpeza	28	Portugal
NE26	43	Feminino	Empregada de limpeza	28	Portugal
NE27	49	Masculino	Agricultor	34	Portugal
			Trabalhador na construção		
NE28	55	Masculino	civil por conta própria	42	Portugal
NE29	53	Feminino	Auxiliar de geriatria	37	Portugal
NE30	45	Feminino	Empregada de limpeza	27	Portugal
NE31	48	Masculino	Madeireiro	30	Portugal
NE32	45	Feminino	Auxiliar de geriatria	31	Portugal
NE33	48	Masculino	Trabalhador na construção civil	41	Portugal

Anexo III: Dimensões, Categorias e Componentes

Tabela B1. Dimensões, Categorias e Componentes

Dimensão I: perceções sobre o trabalho	Dimensão II: caracter	ísticas de um trabalho	Dimensão III: perceção da crise em Portugal		Dimensão IV: perceções sobre emigrantes
Pólo financeiro	Aspetos valorizados	Aspetos negativos do	Causas da crise	Soluções para fazer	Fazem trabalhos
Pólo humano	no trabalho	trabalho		face à crise	que não fariam em
Pólo simbólico	Bom ambiente	Desgaste/Cansaço	Trabalha-se pouco	Trabalhar mais	Portugal
Ocupação	Gostar do trabalho	Tempo que ocupa	Vive-se acima da	Não emigrar	Trabalham mais
Dever	Convívio	Não gostar do seu	média	Emigrar	Dão valor
Lugar central	Aprender	trabalho	Conformismo	Gerir melhor o que	sobretudo ao
Consome muito	Ordenado	Deterioração da saúde	Oportunismo	se tem	dinheiro
tempo	Profissionalismo	Mau ambiente	Falta de população	Menos oportunismo	Sentimento de
	Ser útil	Condições de trabalho	Má gestão política	Políticos têm de	incompreensão
	Boa disposição	difíceis	Corrupção	mudar	
	Honestidade	Não ser reconhecido	Precariedade do	Reformas políticas	
	Condições favoráveis	Monotonia	trabalho	Investir	
	Reconhecimento	Trazer o trabalho para	Sistema político	Mais e melhores	
		casa	Europeu	trabalhos	
		Não vejo aspetos			
		negativos			

Anexo IV: Categorias, Componentes e Exemplos

Tabela C1. Dimensão I – perceções sobre o trabalho

	Perc	eções sobre o trabalho
Categorias	Componentes	Exemplos
Pólo	Dinheiro	"o trabalho é algo que nos dá dinheiro" NE25
	Sustento	"um meio de subsistência para podermos viver" NE29
	Independência	" para sermos independentes, não dependermos de outras pessoas, marido, pais ou o que for" NE26 "não dependeres de ninguém, és independente" E13
financeiro	Estabilidade	"o trabalho é para estarmos minimamente estáveis na vida ter uma vida estável" NE26 " a estabilidade" NE27
	Necessidade	"não nasci num berço de ouro, se tivesse nascido num berço de ouro se calhar já nem pensava em trabalho" NE20 "o mais simples para mim seria ganhar o euromilhões (risos) assim já não precisava de trabalhar" E13
	Qualidade de vida Conforto	" para a gente poder viver um bocadinho melhor e dar aos nossos filhos o melhor também" E3 "é o que no dia-a-dia te permite obter mais conforto" E6
	Satisfação Prazer	" há dias em que preferia ficar a descansar, mas vou contente na mesma para o trabalho () sou feliz a trabalhar e felizes são aqueles que trabalham" E9 "eu não vejo o trabalho como um castigo, eu gosto de trabalhar, prefiro trabalhar do que ir para o café ou uma festa. Gosto de trabalhar, sou feliz a trabalhar" E10
	Realização	"e para mim o trabalho é uma forma de eu me conseguir realizar" NE21 " me permite sentir realizada pessoalmente" NE25
Pólo humano	Identidade	" se não trabalhasse não seria a pessoa que sou" NE18 "o trabalho faz parte de mim" E13
	Faz parte da vida	"() faz parte da vida" NE19 "o trabalho faz parte da vida" E5
	Conhecimento	"é uma forma de por os nossos conhecimentos em prática" NE20 "o trabalho é uma maneira de exprimir o que a gente vai aprendendo durante a vida" NE33 "a gente a trabalhar descobre muita coisa, vê muita coisa, aprende muita coisa" E8
	É saudável Dá saúde	" é stressante estar sem fazer nada. Ainda aqui há uns tempos estive um mês de baixa em casa e estava fartinha de lá estar" NE23 "olha faz bem à saúde, o ditado é velho «o trabalho faz bem à saúde» NE33 "acho que é bom para a saúde, porque se estiveres em

		casa os dias seguidos () durante a semana um dia
		já é muito, só comes, bebes, engordas" E11
	Crescimento	" e faz crescer em todos os aspetos" NE23
		"temos de trabalhar para desenvolver, para
		crescer" E5
		"posso não estar no local que eu mais gostaria, mas
		não me imagino sem trabalhar porque não sou um
		parasita. Nem que fosse rica não conseguiria andar
		acima, abaixo, acima, abaixo, não teria um objetivo,
	D : (1)	não teria nada" NE22
	Proporciona sentido	"de manhã permite ter aquele objetivo para nos
	Dá um objetivo	levantarmos () permite ter um objetivo na vida,
		tudo isso. Se não tiveres nada que fazer não tens
Pólo		ambição de te levantar, não te apetece levantar () a
simbólico		mim dá-me motivação para me levantar todas as manhãs, de me arranjar" E8
Simbolico		" a gente põe-se a pé de manhã com um objetivo
		quando não trabalhas a vida não tem sentido" E12
		"é do trabalho que vem tudo, não há nada sem
	Não há nada sem	trabalho" NE21
	trabalho	"o trabalho é tudo na vida" NE24
	trabamo	"sem trabalho não há nada () com o trabalho vem
		tudo" E12
	Honra	"dizem que trabalhar é honra" NE28
	Orgulho	"para mim é um orgulho, sinto-me fiel daquilo que
	8	faço" E10
	Carga religiosa	"Deus dissera «trabalha Homem que eu te ajudarei»"
		NE28
		"() a nossa ocupação, ajuda-nos a passar o tempo"
	É uma ocupação	NE14
		"o trabalho é uma ocupação saudável, precisa e
		necessária na nossa vida" NE32
	Permite sair de casa	"faz com que as pessoas saiam de casa" NE20
~	- · · · · · · · · · · · · · · · · · · ·	"é uma forma de sair de casa" NE21
Ocupação	Permite ter uma vida	"o sedentarismo não é para mim, trabalhar permite
	ativa	estar sempre a mexer" NE16
		"é um meio para estarmos ativos" NE29
	É um hábito/rotina	"já me habituei a trabalhar, agora já não me vejo a ir para casa e não fazer nada" NE18
	E uni naono/rouna	"estou tão habituada a trabalhar que não consigo
		parar, até em casa estou sempre a trabalhar" NE29
	É um dever	"penso que é um dever" NE16
Dever	É uma obrigação	" não temos alternativa" E3
	Não há alternativa	"trabalhar é obrigatório, senão como é que se pode
		viver?" E12
		" vivo para o trabalho, às vezes quero desligar e
Lugar central	Tem um lugar central	não desligo!" NE29
	<i>y</i>	"gera tudo à volta do trabalho" NE33
	1	

		"o trabalho é o centro da vida" E3
	Lugar central	"é meio-meio, entre família e trabalho eu não ponho
	juntamente com a	um mais prioritário. Tento conciliar os dois da
	família	mesma forma" NE16
		"para mim a família e o trabalho são centrais" E1
		"consome-me a maior parte da minha vida" NE21
Consome	Muito tempo	"passo a maioria do meu tempo a trabalhar" NE28
muito tempo	Tempo demais	"é para o que a gente despende mais tempo () eu
		acho que é para toda a gente" NE30

Tabela C2. Dimensão II – características de um trabalho

	Características de um trabalho			
Categorias	Componentes	Exemplos		
	Bom ambiente	"o ambiente de trabalho para mim é o essencial, haver um bom ambiente" NE30 "haver uma boa relação entre o patrão e os trabalhadores, e entre trabalhadores, conta muito, é muito importante" E7		
Aspetos valorizados no trabalho	Gostar do seu trabalho	" acho que no trabalho que a gente faz temos que pôr amor, gosto pelo trabalho. Porque se não tiver gosto por aquilo que está a fazer não corre bem, disso tenho a firme noção" NE21 "o mais importante é gostar do que se faz porque não estando bem () é preferível mudar de emprego e passar a sentir-se bem naquilo que faz" NE26 "tu vais para um trabalho que pensas que gostas () mas tu podes ir e não gostar. E se não estiveres satisfeita, eu sou assim, vais trabalhar para fazer o teu dia e aquele dia parecem-te quinze. Se estiveres satisfeita tu fazes, fazes bem feito e ainda tens mais vontade de fazer e de continuar todos os dias a trabalhar é o prazer, se tu estiveres contrariada não vale a pena avançar" E8		
	Convívio	"também é pelo contacto com as pessoas, eu falo muito aqui () é muito importante para mim, como eu estou sozinha é mesmo a conversa com os clientes, principalmente com os mais velhos" NE22 "o contacto com as pessoas, faz prazer discutir um bocadinho com elas" E11 " a gente vê pessoas, conhece outras pessoas e isso é bom para a gente" E12		
	Aprendizagem	"o estar sempre a aprender também me estimula muito" NE16 "o aprender constante, estar sempre a aprender no nosso trabalho, até podemos ter sessenta ou setenta		

	1	1 17
		anos que continuamos sempre a aprender, porque há
		sempre coisas novas () e temos que estudar essas
		novas coisas, como se faz, como se usa e isso é
		estimulante" E10
		"considero importante o meu ordenadinho ao fim do
		mês" NE21
		"mas o mais importante de um trabalho é no fim
		do mês receberes a massa se ganhares bem estás
	Ordenado	mais motivada para trabalhar, agora se ganhares mal
		não te interessa levantar da cama" E2
		"o principal benefício é o dinheiro eu aqui se
		souber que não vou receber dinheiro com o trabalho
		que estou a fazer, então também não vou fazer o
		trabalho, eu trabalho em troca de dinheiro" E11
		" fazer as coisas bem feitas, se pudesse trabalhar
		_
		muito e bem feito, mas às vezes mais vale fazer
		pouco e bem do que muito e mal. Todo e qualquer
		trabalho tem de ser bem feito. Se vais sachar umas
		batatas e deixas ficar lá a erva, então não vale a pena.
	Profissionalismo	É como eu, se limpar e deixar as coisas sujas,
		também não vale a pena" NE24
		"ser sério, fazer o melhor que a gente sabe e pode"
		E2
		" tem é que ser feito com convicção e darmos o
		melhor de nós cada um deve dar o seu melhor" E3
		" o sentir que contribuímos para alguma coisa"
		NE25
		"é render serviço eu por exemplo ajudo pessoas
	Ser útil	idosas () apesar de ser paga, sei que sou útil a
		alguém () por exemplo às vezes não me importo de
		ficar mais dez minutos porque sei que a pessoa está a
		precisar de mim" E13
		"estar bem disposto no trabalho, andar bem disposto
		() comigo, com os colegas tudo" NE31
		"() a disposição. Tudo o que se manifesta à tua
	Dog diamosis	. ,
	Boa disposição	volta tem influência no teu bem-estar, nos teus
		pensamentos, na forma como se encara o trabalho.
		As vezes encara-se o trabalho como um lazer, outras
		vezes é quase preciso um cordel para puxar a gente
		para o trabalho" NE33
		"que seja um trabalho honesto" NE28
	Honestidade	"maus trabalhos é tudo o que não seja honesto, por
		exemplo os políticos que se fartam de roubar" E6
		"se tudo estiver organizado as coisas correm bem"
	Ter condições	NE29
	favoráveis	"não ter stress" E1
		" e depois tens de ter boas condições para
		trabalhar" E2

		"o reconhecimento é das coisas mais importantes,
		toda a gente gosta de ser reconhecido no que faz e
		isso tem de se ver a nível do trato dos nossos
	O reconhecimento	
	O reconnectmento	superiores, como eles nos tratam e também com o
		nível do salário que a gente recebe" NE21
		" também nos sentimos bem quando reconhecem o
		nosso trabalho () quando as pessoas estão
		satisfeitas com o teu trabalho" E9
		"quando uma pessoa está mais cansada e tem de ir na mesma, essa parte é chata" NE20
	Desgaste/Cansaço	"às vezes não tens muita vontade de ir, não temos
	2 osgusto, curisuş o	todos os dias vontade de ir trabalhar, às vezes está-se
		cansado, não se está em forma () mas temos de ir
		• 1
		na mesma, forçamo-nos para ir trabalhar na mesma"
		E13
	_	"o tempo que o trabalho nos rouba ()" NE17
	Tempo que ocupa	"a falta de tempo para outras coisas, falta de tempo
		pessoal digamos assim" NE27
		"se a pessoa não gostar de trabalhar, se não gostar do
		que está a fazer () não vai ter aquele entusiasmo
	Não gostar	que deveria ter, a pessoa fica mais apagada, mais
		triste" NE32
		"é quando vais trabalhar infeliz, quando te sentes mal
		no teu trabalho" E9
		" não conseguir dormir por causa de estar sempre a
		pensar nele" NE29
		"é o stress de ter que fazer aquilo e dizer que tenho
Aspetos	Deterioração da	de acabar amanhã à noite sem falta. Por exemplo,
negativos do	saúde	hoje estou aqui, mas amanhã à noite tenho de
trabalho		entregar uma peça sem falta. Aumenta um bocado o
		stress, estás sempre a pensar que tens ainda muita
		coisa por acabar é uma preocupação" E11
		"se não andar bem com os colegas, acho que aí ()
		mas isso é em todos, até no futebol, se não se
	Mara an 12	compreenderem entre eles aquilo não vai bem, não
	Mau ambiente	fazem o serviço em condições" NE31
		"quando num trabalho com várias pessoas, essas
		pessoas não se adaptam umas às outras, quando não
		há diálogo entre elas () para mim todos têm de
		remar para o mesmo lado" E8
		"há dias que é mau porque passamos muito frio" NE14
	Condiçãos do	
	Condições de	"no meu trabalho o mais negativo é a chuva" NE31
	trabalho difíceis	" não é só o trabalho físico que é duro, claro que
		esses também o são, mas por exemplo ser cirurgião é
		um trabalho duro psicologicamente, é muito
		exigente, muita responsabilidade" E9
		" quando trabalhas bastante e não és reconhecida,

Não ser re	conhecido	aí é complicado" E1
		"é duro quando não és reconhecida, nem bem paga
		pelo trabalho que fazes" E9
		"há dias que são muito chatos porque não há gente"
Monotonia	a	NE14
		"por exemplo o meu trabalho torna-se repetitivo
		embora tenha alguma evolução ()" NE33
Trazer o tr	abalho	"chegar mal humorado a casa. Trazer o trabalho para
para casa		casa, para a família" NE33
		"acho que quando as pessoas trabalham com vontade
		não há aspetos negativos, aceitam-se as coisas como
		elas são" E7
		"em relação ao trabalho aspetos negativos eu não
Não vejo a	aspetos	vejo. Mesmo que não seja verdadeiramente aquilo
negativos		que nós gostaríamos de fazer, logo que nos ajude a ir
		para a frente () o trabalho faz parte. Eu por
		exemplo faço este trabalho, mas se tivesse que fazer
		outro para ganhar a minha vida fazia-o () eu já tive
		quarenta de febre e fui trabalhar, já tive muitos
		obstáculos na vida e fui sempre trabalhar" E10

Tabela C3. Dimensão III – perceções da crise em Portugal

perceções da crise em Portugal			
Categorias	Componentes	Exemplos	
Causas da crise	Trabalha-se pouco	"nesta sociedade o que há mais é parasitas, não querem trabalho () eu digo isto por causa dos rendimentos mínimos, a mim incomoda-me muito ver pessoas que podiam trabalhar e não trabalham e que estão a ganhar o rendimento mínimo. O problema é que as pessoas não querem fazer limpezas, não querem ir trabalhar para as obras, as pessoas não querem trabalhar os campos" NE22 " não há quem queria trabalhar, todos querem bons empregos, mas trabalho não querem" NE24 " as pessoas também querem ganhar muito () não querem trabalhar muito, querem ganhar muito" NE32 "há lá muitos que não querem trabalho () eles até trabalham bem em Portugal, mas não gostam de trabalhar muito" E2 "houve um momento em que ninguém queria trabalhar acho que em Portugal não se sacrificam tanto como nós que viemos de lá para cá" E9	
	Vive-se acima da	"e às vezes também há muita crise porque as pessoas gastam muito dinheiro e às vezes gastam mais do que podem" NE28	
	média	"eu acho que o povo se habituou () a crise hoje	

		está porque houve muitas facilidades no passado,
		para comprar uma casa pediam-se mundos e fundos e
		o pessoal não soube gerir isso, gastavam mais do que
		o que ganhavam" NE30
		"as pessoas também têm um bocadinho de culpa. Há
		um problema muito grande nos portugueses que é
		preocupam-se com coisas não tão importantes e no
		• •
		que toca aos assuntos importantes conformam-se,
		acho que esse ainda é o maior dos problemas, acho
	G 6 :	que o conformismo é muito comum nos portugueses"
	Conformismo	NE20
		"eu acho que é o comodismo. As pessoas acomodam-
		se às situações e não tentam ultrapassar as
		dificuldades. Ficam ali acomodadas, agarradas a
		subsídios e coisas assim, e isso não faz com que o
		país evolua, fica parado, à espera, estagnado. As
		pessoas ficam à espera que as coisas caíam do céu, e
		não caiem, a gente tem de ir à luta, à procura" NE32
		"pelo que vejo e oiço são que por um lado os bem
		entendidos e os bem sucedidos vão buscar dinheiro a
		qualquer lado e conseguem arranjar facilmente
		dinheiro, enquanto os menos entendidos e os mais
	Oportunismo	pobres ficam sem ele" NE28
		"em Portugal se um puder ir a cavalo do outro vai"
		E3
		" há aqueles que sabem trabalhar bem com o
		sistema as pessoas também sabem aproveitar bem
		as falhas do sistema" E6
		"falta gente no país () e além do mais os jovens
		têm muita tendência a emigrar porque no estrangeiro
		recebem mais, mas lá o custo de vida também é
		maior" NE14
		"e também acho que abandonaram o emigrante () e
		Portugal perdeu muito com isso, não se preocuparam
	Falta de população	com as pessoas que decidiram emigrar, não fizeram
		nada para as tentar manter no país e vão sentir a falta
		dessas pessoas porque vai chegar uma altura em que
		a mão-de-obra que foi embora vai fazer falta em
		Portugal. E os portugueses que foram é muito difícil
		fazê-los voltar (pausa) jovens em Portugal poucos há
		já" E10
		"ui tantas causas. A primeira grande causa acho que é
		a má gestão política, mas isto é desde há mitos anos
		que começou a descambar" NE20
	Má gestão política	"políticas, essencialmente políticas () más decisões
		do governo e o Zé Povinho é que paga sempre a
		fatura" NE33
		"temos um país muito bom, só que as políticas que

		têm dão cabo dele" E2
		" roubam milhões e não vão presos agora nós
		somos uns desgraçados, trabalhamos para pagar aos
	Corrupção	outros" NE19
	1,3	"nós sabemos que Portugal é corrupto é todos a
		encher o bolso, menos o povo. O povo é sempre o
		sacrificado" NE22
		"temos um custo de vida bastante elevado
		comparativamente com os salários que recebemos"
		NE16
		"acho que existe uma discrepância muito grande em
		termos de salários, existem muitos portugueses com
	Precariedade do	ordenados miseráveis () acho que se as coisas
	trabalho	fossem mais equilibradas que as pessoas teriam mais
		poder de compra e aí a crise não seria tão grande"
		NE17
		"as empresas não contratam, contratam a pouco
		tempo não há uma continuidade, as pessoas
		trabalham aos bocaditos, aos bocaditos, aos
		bocaditos, não dá segurança" NE32
		"Desde que começou a entrar dinheiro da
		comunidade europeia, foi isso que nos estragou"
		NE22
		"Os fatores externos também contam muito. Nós
	Sistema político	somos um país tão pequenino, aqui no sul da Europa,
	Europeu	e as grandes potências têm influência. Se uma grande
		potência começa a ter crise nós somos logo afetados
		porque nós dependemos muito ainda do exterior
		nós não dependemos só de nós, dependemos muito
		do exterior Nós fazemos parte da comunidade
		europeia, estamos sempre dependentes () não é só o
		governo cá é também o governo da Europa" NE33
		"acho que os portugueses podiam trabalhar mais,
		esses campos todos que estão para aí por cultivar,
		acho que deviam ser todos cultivados" NE21
	Trabalhar mais	"fazer trabalhar toda a gente, na minha opinião toda a
		gente que tem saúde devia trabalhar, há muito
		trabalho por aí" NE29
		" trabalharem mais um bocadinho, pelo que vejo
Soluções		há lá pessoas que não gostam muito de trabalhar" E7
para fazer face à crise		"da maneira que estão desesperados às vezes não têm
		outra solução, mas não deveria ser assim porque o
		nosso país fica cada vez pior" NE18
	Não amisman	"Portugal deixa fugir muito boas cabeças. E nós aqui
	Não emigrar	temos cabeças muito, muito boas, mas está tudo fora
		() eu detesto que as pessoas emigrem, o país perde,
		perdemos todos" NE22 "a mão da obra qualificada deveria ficar no país que
		"a mão-de-obra qualificada deveria ficar no país que

1	
	investiu nele. Não vamos nós andar aqui a investir na educação de determinado tipo de pessoas, para depois outros países aproveitarem-se desses
	recursos" NE27
	" não ajuda Portugal a crescer" NE33
	"acho que está à vista de todos () emigrar, foi o
	que eu e milhões de pessoas fizemos" E11
	"fazer como muitos portugueses fizeram e continuam
	a fazer infelizmente () sair de Portugal e vir para o
	estrangeiro. E verdade seja dita, o nosso governo não quer saber, não faz nada para combater a emigração
Emigrar	() dão mais coisas aos estrangeiros que aos
Linigiai	próprios portugueses. Todos os portugueses adoram o
	seu país, podemos estar aqui uma vida inteira que o
	nosso país continua a ser Portugal, mas quando não
	se consegue ganhar a própria vida em Portugal,
	naturalmente tem que se sair e ir à procura" E13
	" cada português gerir a sua carteira, o seu
Gerir melhor o que	orçamento, não fazer créditos que não devem e que
se tem	depois não conseguem pagar. Temos que nos
	governar com aquilo que temos" NE23
	"Não gastar dinheiro em demasia" NE28
	"Acho que as pessoas também estão um bocadinho
	mal-habituadas, não é. Quando podem fugir aos impostos fogem. Acho que todos devemos cumprir
Menos oportunismo	com a nossa obrigação e não é a uns tudo e a outros
Triends oportumento	nada. Acho que as pessoas não se deveriam
	aproveitar tanto uns dos outros. Há pessoas que
	deveriam pagar mais descontos e não pagam" NE1
	"As pessoas serem mais unidas" E7
	"olhe começar por acabar com esses cursos de
	formações que existem para tudo e mais alguma
	coisa, isso não leva a lado nenhum, só gastamos
	dinheiro com isso não se admite tanto curso, tanta
	formação para nada" NE16 "se calhar diminuir os impostos, porque apesar dos
	ordenados a nível nacional serem baixos, se as
	pessoas não pagassem tantos impostos teriam melhor
	qualidade de vida, teriam maior poder de compra e,
Reformas políticas	por isso, haveria maior movimento da economia"
1	NE17
	" os salários serem mais altos, já as pessoas não se
	mantinham com os rendimentos do Estado" NE24
	"as pessoas serem mais honestas sobretudo quem
	governa, deveriam ser mais transparentes para com o
	povo" NE25
	"em primeiro de tudo havia tanta coisa para cortar, rendimentos mínimos e essas coisas. Acho que
	renormentos minimos e essas coisas. Acno que

	1	
		vieram fazer muito mal acho que há pessoas que
		recebem e nem querem trabalhar porque recebem,
		sabem que o governo dá e por isso não interessa
		trabalhar" NE30
		"o Estado providenciar mais ajudas" E3
		"Falo isto também da história que eu sei da economia
		de Portugal, há muita coisa que falha e nós
		preferimos dar dinheiro às pessoas de fora do que
		produzirmos as coisas cá. Sei que há uma história
		qualquer com a cortiça () nós tínhamos muita
		cortiça e para produzirmos rolhas mandávamos a
		cortiça para a Alemanha e eles produziam e depois
		nós íamos comprar a rolha lá, o que é um bocadinho
		estúpido. Se nós investíssemos numa empresa de
	Investir	construção de rolhas já não tínhamos de exportar a
		cortiça e depois comprar a rolha aos de fora e
		dávamos emprego às pessoas de dentro, mas pronto"
		NE20
		"() apostar em negócios rentáveis que levassem o
		nosso país para a frente" NE28
		"para os nossos lados é verdade que não há empresas,
		mas ao mesmo tempo as pessoas não são
		empreendedoras, porque do pouco que se tem, se se
		souber aproveitar, as coisas avançam () Portugal
		não sabe aproveitar o que tem, falta investimento,
		desde os hospitais, indústria, exportação, para o país
		poder avançar e consequentemente dar melhores
		condições de vida aos seus habitantes" E3
		"(pausa) é haver mais propostas de trabalho" NE15
		" mais liberdade no trabalho, as pessoas terem mais
		liberdade para conviver, as pessoas trabalharem, mas
	Mais e melhores	também poderem conviver () o que eu quero dizer é
	trabalhos	haver melhor ambiente para as pessoas terem gosto
		em ir trabalhar () para as pessoas terem incentivo
		para gostarem de trabalhar, para que o trabalho possa
		render mais e assim acabar com a crise" NE30
<u> </u>	1	Torigor mais e assim acadar com a crise TVLSU

Tabela C4. Dimensão IV – perceções sobre emigrantes

Perceções sobre o trabalho				
Categorias	Componentes	Exemplos		
		"eles lá sujeitam-se a determinados trabalhos que		
		aqui nunca se sujeitariam () eles estando num		
		país de fora têm de se sujeitar a coisas que aqui nós		
Sujeitam-se	Fazem coisas que em	não sujeitamos. Nós aqui, como vivemos no nosso		
mais ao	Portugal não fariam	país não temos de nos sujeitar tanto ao trabalho ()		
trabalho		fazem coisas que aqui não fariam" NE14		

		"quando vão para o estrangeiro aceitam tudo e mais
		alguma coisa, nem reclamam! Fazem tudo!" NE15
		"um emigrante agarra-se a tudo" NE26
		"aqui há mais tolerância, o ritmo de trabalho é mais
		calmo lá não, trabalhas o dia todo sem parar"
		NE15
		"fazem mais sacrificios que nós, acordar mais cedo,
		trabalhar mais horas () a vida lá deve ser mais
		dura, eu nunca emigrei, não sei, mas do que ouço
	TD 1 11 '	falar não parece ser muito fácil, as pessoas lá
	Trabalha-se mais no	começam a trabalhar mais cedo. Eles como saíram
Trabalham	estrangeiro	do país se calhar querem aproveitar ao máximo e
mais		sabem que lá não podem fazer o tipo de vida que
	Em Portugal o ritmo	aqui se faz, senão também não valia a pena lá
	de trabalho é mais	estarem. Já vão preparados para isso, e aqueles que
	calmo	não vão, voltam" NE18
		"nunca estive no estrangeiro, mas pelo o que a gente
		ouve falar lá trabalham-se muitas horas, enquanto
		que aqui não. Aqui é só aquelas e se pudessem ser
		menos uma ou duas (risos)" NE32
		"eles lá se quiserem trabalhar mais também podem,
		eles é que recusam. Eu se me propuserem fazer
		mais horas, já que estou lá e estou não há
		problemas, faço mais duas horas, uma hora, o que
		me pedirem. E lá não, são mais preguiçosos!" E8
		"aqui trabalha-se muito mais do que lá () os
		portugueses aqui trabalham muito" E13
		"os emigrantes dão muita importância ao dinheiro,
		enquanto que nós aqui vivemos a vida, eles lá não
	O emigrante dá mais	vivem, acabam por não viver a vida" NE16
	valor ao dinheiro	"eles pensam muito mais em dinheiro, nós
		preferimos viver o dia-a-dia tranquilamente" NE17
	O não emigrante dá	"aqui temos qualidade de vida, no estrangeiro não,
	mais valor à	mas é que não têm mesmo, porque lá só pensam em
Dão valor	qualidade de vida	não gastar nada, poupar, poupar e poupar. Nós aqui
sobretudo ao	quaridade de vida	poupamos, mas não nos privamos de ir tomar café"
dinheiro		NE22
		" vêm para aqui de férias com um ego
		grandíssimo. Alguns vêm para aqui armar-se e não
		têm assim um poder de compra tão grande quanto
	O emigrante é	isso" NE16
	exibicionista	" chegam aqui e acham-se os maiores, não todos,
	CATOTOTOTISta	
		mas a maior parte. Vêm para aqui muito de nariz
		empinado Mas os que voltam de vez para cá já
		são impecáveis, acho que deve ser dos ares!" NE22
Camtina t	0	"nós, os emigrantes, para os portugueses () acho
Sentimento de	O emigrante sente-se	que somos uns atrasos de vida () acham que só
incompreensão	incompreendido	estamos aqui para trabalhar por causa do dinheiro,

que não aproveitamos a vida, que aqui vivemos em casinhas fracas, e não é assim. Antigamente podiam ter um bocadinho de razão, mas agora não. Lá somos tratados (...) os meus vizinhos menosprezam-me por ser emigrante, «olha a emigrante chegou»" E8
"acho que eles têm uma imagem fraca dos

"acho que eles têm uma imagem fraca dos emigrantes e isso deixa-me triste (...) pensam que nós vimos para aqui fazer o que os franceses não querem fazer ou não sei (...) e têm uma imagem dos emigrantes que não é boa. Acabamos por nos sentirmos estrangeiros nos dois sítios, cá e lá" E12